

Categorização das novas masculinidades em ambientes socioinformacionais: reflexões a partir dos estudos de gênero e decolonialidade

Nathália Lima Romeiro

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil

Dirnéle Carneiro Garcez

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil

Franciéle Carneiro Garcês-da-Silva

Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Brasil,

Priscila Rufino Fevrier

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, Brasil

Miriely da Silva Souza

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil

Ana Paula Meneses Alves

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil

ORIGINAL

Resumo

Objetivo. Este artigo tem como objetivo analisar as novas categorias da masculinidade que estão surgindo na mídia social “X” – anteriormente nomeada como Twitter -, utilizando os estudos de gênero e folksonomia como ferramentas de análise.

Método. A pesquisa se baseia nas publicações marcadas com as hashtags #redpill, #incel, #alpha, #beta, #sigma e #MGTOW, e busca categorizar essas novas identidades de masculinidade que estão emergindo na sociedade contemporânea. Para isso, são utilizados como aporte teórico uma reflexão acerca dos mitos da masculinidade de JJ Bola (2021) e o conceito de colonialidade de gênero de Geni Longhini (2022). O estudo é de natureza exploratória e descritiva, e as publicações foram coletadas por meio de estratégias de busca que incluíram termos e hashtags usados pela comunidade on-line da cultura redpill, como os redpill, bluepill, incel, sigma, beta, entre outros.

Resultados. Os resultados revelaram que a convergência de mitos sobre a masculinidade, a colonialidade de gênero e comportamentos disfuncionais descritos no modelo cognitivo de Beck estão intimamente relacionados à violência de gênero e à construção da subjetividade masculina influenciada pela herança colonial. Exemplos dessas novas categorias de masculinidade são as comunidades on-line que exaltam perfis como red pills, MGTOW, incels, alphas, betas e sigmas, revelando formas de opressão e manutenção do poder masculino sobre outras identidades de gênero.

Conclusões. Esses discursos são baseados em distorções da verdade e práticas discursivas colonizadoras ligadas ao racismo, sexismo, LGBTQIA+fobia e supremacismo branco.

Palavras-chave:

Gênero; Masculinidades; Organização do conhecimento; Categorização das novas identidades de masculinidade; Gênero e decolonialidade.

Categorization of new masculinities in socioinformational environments: reflections from gender and decoloniality studies

Abstract

Objective. This article aims to analyze the new categories of masculinity that are emerging on the social media platform "X" - previously known as Twitter - using gender studies and folksonomy as analytical tools.

Method. The research is based on posts marked with the hashtags #redpill, #incel, #alpha, #beta, #sigma, and #MGTOW, and seeks to categorize these new identities of masculinity that are emerging in contemporary society. To do so, the theoretical framework includes a reflection on the myths of masculinity by JJ Bola (2021) and the concept of gender coloniality by Geni Longhini (2022). The study is exploratory and descriptive in nature, and the posts were collected through search strategies that included terms and hashtags used by the online community of the red pill culture, such as red pill, blue pill, incel, sigma, beta, among others.

Results. The results reveal that the convergence of myths about masculinity, gender coloniality, and dysfunctional behaviors described in Beck's cognitive model are closely related to gender-based violence and the construction of male subjectivity influenced by colonial heritage. Examples of these new categories of masculinity are online communities that exalt profiles such as red pills, MGTOW, incels, alphas, betas, and sigmas, revealing forms of oppression and the maintenance of male power over other gender identities.

Conclusions. These discourses are based on distortions of truth and colonizing discursive practices linked to racism, sexism, LGBTQIA+ phobia, and white supremacy.

Keywords:

Gender; Masculinities; Knowledge organization; New masculinity identities categorization; Gender and decoloniality.

Categorización de las nuevas masculinidades en entornos socioinformativos: reflexiones a partir de los estudios de género y decolonialidad

Resumen

Objetivo. Este artículo tiene como objetivo analizar las nuevas categorías de masculinidad que están surgiendo en la plataforma de redes sociales "X", anteriormente conocida como Twitter, utilizando los estudios de género y la folksonomía como herramientas de análisis.

Método. La investigación se basa en las publicaciones etiquetadas con los hashtags #redpill, #incel, #alpha, #beta, #sigma y #MGTOW, y busca categorizar estas nuevas identidades de masculinidad que están emergiendo en la sociedad contemporánea. Para ello, se utilizan como base teórica una reflexión sobre los mitos de la masculinidad de JJ Bola (2021) y el concepto de colonialidad de género de Geni Longhini (2022). El estudio es de naturaleza exploratoria y descriptiva, y las publicaciones fueron recopiladas mediante estrategias de búsqueda que incluyeron términos y hashtags utilizados por la comunidad en línea de la cultura redpill, como redpill, bluepill, incel, sigma, beta, entre otros.

Resultados. Los resultados revelaron que la convergencia de mitos sobre la masculinidad, la colonialidad de género y los comportamientos disfuncionales descritos en el modelo cognitivo de Beck están íntimamente relacionados con la violencia de género y la construcción de la subjetividad masculina influenciada por la herencia colonial. Ejemplos de estas nuevas categorías de masculinidad son las comunidades en línea que exaltan perfiles como los red pills, MGTOW, incels, alphas, betas y sigmas, revelando formas de opresión y mantenimiento del poder masculino sobre otras identidades de género.

Conclusiones. Estos discursos se basan en distorsiones de la verdad y prácticas discursivas colonizadoras vinculadas al racismo, sexismo, LGBTQIA+fobia y supremacismo blanco.

Palabras clave:

Género; Masculinidades; Organización del conocimiento; Categorización de las nuevas identidades de masculinidad; Género y decolonialidad.

1 Introdução

Ao acompanhar noticiários televisivos e diferentes portais de notícia em mídias sociais digitais nos últimos meses, nos deparamos com cenários de violência de gênero que não são exclusivos do nosso tempo, posto que é uma problemática característica dos efeitos de sistemas sociais estruturantes, tais como o patriarcado, a colonização (ser, saber, poder e de gênero) e o neoliberalismo, mas que constantemente se repetem em diferentes localidades (Saffioti, 2004; Quijano, 2010; Connel, 2016; Lugones, 2020; Bola, 2021).

Entre os inúmeros cenários de violência de gênero, percebemos uma atenção específica aos casos de violência contra mulheres (de ordem física, psicológica, sexual, patrimonial, feminicídio) (Lacerda, 2023), casamento de adultos com adolescentes (Carta Capital, 2023), casos de racismo em diferentes estratos sociais (Alvim, 2023), violência contra população LGBTQIAPN+ (Redação Terra, 2023), ataques a escolas impulsionados por

movimentos neonazistas (Agência Senado, 2023), entre outras violências. Situação alarmante, pois quando olhamos o problema mais de perto, percebemos que há como ponto de convergência o fato de a maioria dos algozes pertencerem ao gênero masculino, majoritariamente composto por um perfil específico de homens cisgêneros brancos que também costumam se identificar como heterossexuais (Connel, 2016; Bola, 2021; Wittig, 2022).

Com base nessa breve explanação, nos propomos a responder a seguinte questão: Quais as novas categorias da masculinidade expostas no “X” e como podemos analisá-las a partir dos estudos de gênero e folksonomia¹? No contexto da ampla capacidade de interação e comunicação proporcionada pela internet, o antigo Twitter, atual “X”, se apresenta como uma plataforma colaborativa destinada à disseminação de informações na web, de acordo com o interesse do público. Essas informações são transmitidas por meio de mensagens breves, limitadas a um número específico de 280 caracteres desde a última atualização do recurso em 2017. A partir de 2008, o “X” deixou de ser apenas uma micro-rede social onde os usuários compartilhavam acontecimentos triviais e cotidianos de suas vidas por meio de microblogs. Essa mídia social passou a ser um ambiente propício para a divulgação de notícias, conteúdo multimídia, promoção de ideias, discussões, sondagens, imagens e referências de alcance global (Amaral; Pinho, 2018; Ribeiro; Silva, 2022; Romeiro, 2022; Seibt; Dannenberg, 2021; Silva et al., 2012; Souza et al., 2021).

Conforme Helena Ribeiro e Isadora Silva (2022), a plataforma “X” se consolidou como um espaço de produção simbólica de linguagem, poder e conservadorismo, no qual se estabelecem relacionamentos e desenvolvimento de comunidades em que os usuários transitam dentro de suas bolhas sociais. Essas bolhas são compostas por pessoas com pensamentos parecidos, as quais se juntam para advogar por suas pautas e externalizar suas preferências e valores, mesmo quando esses vão de encontro ao desenvolvimento de uma sociedade equânime e mais justa. Nessa rede, na qual os perfis têm a oportunidade de expressar suas ideias, é possível alcançar muitas pessoas, concordar, discordar, confrontar e ser confrontado. Além disso, diante do intenso fluxo de compartilhamentos de informação praticamente incontroláveis, é possível construir narrativas que têm o potencial de alterar cenários sociais nas esferas política, midiática, educacional, de saúde, religiosa e em outras camadas que sustentam as relações e estruturas coletivas (Ribeiro; Silva, 2022).

Mundialmente, a comunidade discursiva masculinista está mais presente na mídia social Reddit (BBC News, 2018; Colomé, 2020), entretanto, no Brasil, o Reddit possui 9,5% de usuários quando em comparação ao “X” (antigo Twitter) com cerca de 47,7% (Santos, 2023). Nesse sentido, o enfoque desta pesquisa se volta a analisar as comunidades masculinistas brasileiras no “X”. Para isso, este trabalho tem como objetivo categorizar as novas masculinidades que emergiram na sociedade contemporânea, tendo como base a mídia social “X”. Com esse intuito, foram mapeadas as publicações etiquetadas pelas hashtags #redpill, #incel, #alpha, #beta #sigma e #MGTOW e, posteriormente, analisados os discursos das postagens a partir dos mitos da masculinidade de JJ Bola (2021) e colonialidade de gênero de Geni Longhini (2022).

Esse investimento se deve à necessidade de discutir os comportamentos de tais sujeitos nesse ambiente identificando os discursos e interações etiquetadas pelas hashtags supracitadas. Ademais, este trabalho está vinculado à Agenda 2030 (ONU, 2023), sobretudo por se relacionar aos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) número 5 (igualdade de gênero) e número 10 (redução das desigualdades). Além disso, a proposta se vincula essencialmente ao GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades, grupo de trabalho do principal encontro de pesquisa na pós-graduação em Ciência da Informação brasileira, promovido pela Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), posto que discute uma questão de gênero posicionando o homem também como um sujeito generificado. Assim, não só contribuímos² com a qualificação desses sujeitos enquanto pertencentes a um gênero, como possibilitamos uma reflexão que visa descolonizar a ideia que hegemoniza os homens cisgênero heterossexuais como norma. Tal norma perpetua uma ideologia de gênero vantajosa na manutenção do privilégio dos homens, conhecida também como dominação masculina (Bourdieu, 2010).

1 Adotamos o conceito de folksonomia, e não de etiquetagem social ou indexação, pois a folksonomia representa o resultado de uma investigação. A Etiquetagem social, por sua vez, representa apenas a ação por parte das pessoas usuárias (Sanchidrian; Posada; Posada, 2014)

2 Neste estudo se assume a posicionalidade das pessoas autoras, entendendo que o campo biblioteconômico-informacional utiliza de métodos científicos – como é o caso do artigo aqui apresentado –, no entanto, não é assumida nenhuma pseudoneutralidade na construção do texto, assim como nos referenciais teóricos adotados.

Antes de avançarmos na discussão sobre violência de gênero, é necessário negritar que esta investigação não se propõe a afirmar que todos os homens são agressores, tampouco nos interessa impulsionar quaisquer rivalidades ou enviesamento para apontá-los como únicos responsáveis pelas violências noticiadas e postadas. O estudo se propõe a discutir uma problemática ainda pouco explorada no campo informacional com o intuito de ampliar o debate sobre as masculinidades nos estudos de gênero em Ciência da Informação.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa que utiliza um corpus de análise composto por publicações obtidas entre 02 e 16 de maio de 2023, por meio de uma coleta realizada em um perfil anônimo e oculto na rede social "X", sem seguidores, criado especificamente para este estudo. Trata-se de uma pesquisa documental, de natureza exploratória³ e descritiva⁴, na qual as publicações foram coletadas com base em termos e hashtags utilizadas pela comunidade on-line da cultura redpill. Os termos incluídos nas estratégias de busca são: redpill, bluepill, incel, sigma, beta e outros. As estratégias de busca foram elaboradas compilando o uso desses termos, combinados com o operador "OR" e filtrados pelo idioma português, sem uma delimitação temporal específica.

Enquanto estrutura, a base teórica deste trabalho apresenta na primeira seção uma discussão sobre folksonomia e ambientes socioinformacionais com base nos estudos de Souza (2007), Brandt (2009), Santos (2013), Yedid (2013), Massoni e Flores (2017), Romeiro e Silva (2018), Romeiro (2019), entre outras pessoas autoras. A segunda seção aborda as relações entre colonialidade de gênero e os mitos da masculinidade na construção da subjetividade dos homens com base em autorias como Quijano (2010), Connel (2016), Lugones (2020), Bola (2021), Longhini (2022) entre outras contribuições. Além disso, a segunda seção faz referência aos comportamentos considerados disfuncionais a partir do modelo cognitivo de Beck (2014)⁵ com vistas a apresentar uma via para observação de comportamentos disfuncionais que podem ser efeito de questões emocionais não elaboradas. Por fim, os resultados da pesquisa serão apresentados na seção três e estes enfocam na categorização das novas identidades de masculinidades e na interpretação dos discursos de algumas postagens coletadas.

2 A folksonomia e sua aplicação em ambientes socioinformacionais

Compreendemos a Folksonomia, também conhecida como etiquetagem social, como uma forma de categorização colaborativa que evidencia o protagonismo de pessoas usuárias de informação em ambientes digitais. O termo "Folksonomia" surgiu como uma linguagem digital, devido sua apropriação, para designar a indexação colaborativa de objetos informacionais na Web e é composto pela junção das palavras "folk" (pessoas) e "taxonomy" (taxonomia). Essa forma de indexar ou etiquetar se difere das classificações bibliotecárias e bibliográficas, pois ao invés de representar uma classificação sistemática (hierárquica), a folksonomia utiliza tags ou etiquetas (palavras-chave) para representar o conteúdo postado e/ou compartilhado. Portanto, não se trata de um sistema e sim uma categorização a partir da apropriação de assuntos. Através da linguagem folksonômica, é possível localizar o assunto desejado e recuperar a informação etiquetada. Sua utilização está cada vez mais naturalizada na linguagem digital, especialmente em espaços socioinformacionais de compartilhamento de conteúdo como as mídias sociais digitais, um aspecto que o torna um objeto cada vez mais presente em pesquisas das ciências sociais e tecnológicas (Brandt, 2009; Santos, 2013; Massoni; Flores, 2017; Romeiro, 2019).

Rosali Fernandes de Souza (2007) nos direciona a interpretar a folksonomia como um fenômeno da cultura digital que nos permite a observação e interação de assuntos apropriados de forma rápida, o que seria uma vantagem, dada a velocidade dos fluxos informacionais de assuntos em mídias sociais digitais, por exemplo. Entretanto, a autora destaca que o uso da folksonomia também pode representar uma desvantagem no âmbito da recuperação da informação, pois seu uso torna mais difícil o controle de vocabulários. Desvantagem que não faz sentido se olharmos a temática em uma perspectiva contra-colonial, uma vez que a crítica à colonialidade

3 Refere-se a uma pesquisa inicial cujo propósito principal é adquirir familiaridade com um fenômeno a ser investigado, visando aprimorar a concepção do estudo principal subsequente com maior compreensão e precisão. (THEODORSON; THEODORSON, 1970; GIL, 2008)

4 Tem como objetivo descrever as características de uma determinada população ou fenômeno, bem como estabelecer relações entre variáveis pertinentes (GIL, 2008)

5 Para mais informações sobre o Modelo Cognitivo, ler: Beck (1997).

também oferece uma crítica a instrumentos (dispositivos) normalizadores da linguagem e da cultura (Souza, 2007; Longhini, 2022).

Em convergência a esse pensamento, Romeiro e Silva (2018) ressaltaram que, quando mediada de forma responsável, a Folksonomia pode contribuir de maneira positiva para a representação e recuperação de conteúdos em ambientes digitais, auxiliando na descrição de objetos informacionais e na construção de outros instrumentos de controle terminológico. Enquanto ferramenta que captura o vocabulário utilizado pela comunidade de usuários, a folksonomia auxilia na investigação das tendências terminológicas adotadas por diferentes sujeitos. Essa análise minuciosa permite selecionar os termos preferidos de determinada comunidade digital, tornando-se uma fonte para identificar interesses comuns entre pessoas que compartilham conteúdos específicos (Yedid, 2013).

Com base no pensamento de Alves, Brasileiro e Melo (2019) qualificamos ambientes socioinformativos como espaços de interação social nos quais é possível observar como as relações de poder, presentes nas interações sociais, influenciam as práticas informacionais de determinados sujeitos ou grupos. Nesta pesquisa, o ambiente socioinformativo investigado é a mídia social “X”.

Nota-se que em ambientes socioinformativos digitais pode ocorrer a sobreposição de atores sociais por meio de múltiplos comportamentos, por vezes são amplificados, devido à intensidade emocional que pode estar presente nos fluxos informacionais (Moura, 2009), o que implica na construção e reformulação da subjetividade, na sociabilidade e nas práticas informacionais das pessoas (físicas e jurídicas) que interagem nesses ambientes. Araújo (2013) complementa essa ideia ao explicar que não existem preceitos, regulamentos e estruturas que desconsiderem as relações sociais. Assim, tendo como base o pensamento de Bourdieu (2012), Araújo (2013) explica que o conceito de prática é aplicado para estudar os processos culturais das relações sociais, uma vez que os atores sociais são constituídos de habitus que concebem a ação. Nessa direção, as interações que ocorrem nas mídias sociais como o Instagram e o “X”, são influenciadas pela dinamicidade e interatividade de novas possibilidades com a participação de interagentes digitais na coordenação das ações de produção, organização e disseminação de informações.

Na Ciência da Informação, a apropriação da folksonomia como objeto de pesquisa, sobretudo na convergência entre esse assunto e os estudos de gênero podem ser exemplificadas nas seguintes comunicações: o artigo “Folksonomia no contexto lgbtqia+: descortinando o preconceito e a discriminação da informação gênero-sexualidade nos ambientes digitais” de Santana, Santos, Melo e Girard (2022); o artigo de Romeiro e Silva (2018) intitulado “A folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no facebook: avaliação da hashtag #mexeucumamexeucumtodas (Romeiro; Silva, 2018); o artigo “Feminismo 2.0: a mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio)” de Santini, Terra e Almeida (2016); o artigo “Participation in Brazilian Feminist Movements on social networks: a study on the campaign Meu Amigo Secreto (My Secret Santa)”, de Moraes, Boldrin e Silva (2017); o artigo “Linguagem Natural no “Twitter” e Linguagem Documentária em Tesouros: da Hashtag #NãoMereçoSerEstuprada ao descritor estupro”, de Sousa e Silva (2015); e o livro “#Vamosfazerumescandalo : folksonomia e ativismo digital” de Romeiro (2020).

Em continuidade aos referentes teóricos desta pesquisa, será apresentado a seguir a relação entre a colonialidade de gênero e os mitos da masculinidade.

3 “Porque eu sou é homem”: Colonialidade de gênero e os mitos da masculinidade na construção da subjetividade

Desde a invasão de Abya Yala, a colonização deixou inúmeros efeitos no imaginário coletivo, na formação do sujeito e nas relações sociais utilizando como estratégia de submissão a colonialidade do ser, saber e poder (Quijano, 2010). María Lugones (2020) nomeia a colonialidade de gênero como aquilo que explica a desigualdade de gênero em territórios colonizados. Em convergência a esse pensamento, Gení Longhini (2022), pesquisadora indígena e ativista no movimento contra-colonial, complementa que para atingir o objetivo de colonizar o território, além de utilizar o racismo como método de subordinação, seria necessário um outro mecanismo que daria suporte a invasão territorial: a imposição de um sistema sexo/gênero que tinha como principal objetivo favorecer a acumulação de bens e riquezas e que, utilizando-se do cristianismo enquanto estratégia cultural-espiritual de salvação, encontrou meios para colonizar lugares, pessoas e costumes.

A relação entre a imposição do sistema sexo/gênero e a colonialidade pode ser exemplificada a partir de estudos que investigaram a formação do DNA das Américas. Bortolini e colaboradores (2003) explicam que historicamente a miscigenação nas Américas envolveu, em termos de parentalidade, majoritariamente homens brancos e mulheres de origem indígena e africana. Reichert (2013, p. 37) complementa esse argumento ao afirmar que “os homens indígenas praticamente não deixaram descendentes nas populações miscigenadas”. Fato que está relacionado ao etnogenocídio indígena que exterminou homens em zonas de guerra e absorveu mulheres para exploração sexual e para escravização do trabalho doméstico (Federici, 2017; Longhini, 2022), o que reconhecemos como primeira expressão colonial da violência de gênero.

De forma sintética, compreendemos a violência de gênero como um tipo de violência física, psicológica ou patrimonial praticada contra uma pessoa ou grupo baseada em construções socioculturais historicamente naturalizadas, ou seja, ideologias que tem como principal fonte de ataque o gênero e/ou sexualidade de uma pessoa (Romeiro, 2020). Um tipo de violência característico do patriarcado que é um sistema de organização social desigual que produz inúmeros efeitos destrutivos nas relações sociais (Lerner, 2019).

JJ Bola (2021) explica o patriarcado como um sistema, uma ideologia organizada hierarquicamente que qualifica no topo, ou seja, em situação de vantagem/privilegio, o homem cisgênero heterossexual (majoritariamente os brancos). Com base nisso, foi historicamente construído através de mitos e outras invenções culturais, um ideal de masculinidade com objetivo de impor o que seria aceito ou não enquanto comportamento do homem. Isso impõe a ideia de que ser homem está atrelada a atributos como virilidade, força, agressividade, poder e controle econômico, a ser heterossexual, o que caracterizaria a masculinidade hegemônica. Diante disso, qualquer comportamento que dissida a esse imperativo ou que o questione, é massivamente atacado, como, por exemplo, as críticas a esse modelo levantadas por movimentos feministas e movimento LGBTQIAPN+ (Connell, 2016).

Nessa direção, estudar os discursos e os comportamentos dos homens, através do estudo da masculinidade - que significa os modos de ser homem - são essenciais para enfrentarmos efetivamente a violência de gênero. Sergio Gomes da Silva (2006) explicou que a crise da masculinidade está diretamente relacionada ao avanço do feminismo e dos movimentos identitários pró-diversidade de gênero e sexualidade. O autor explica que essa crise emergiu a partir de diferentes fatores, entre eles: a maior participação das mulheres no mercado de trabalho, a visibilidade e pluralidade de identidades de sexualidade não heterossexuais, a maior preocupação com a estética masculina (metrossexuais), e, a tentativa de reafirmar a masculinidade hegemônica a fim de manter o privilégio masculino nas relações sociais. Assim, homens cisgêneros e heterossexuais estariam em crise por não alcançarem meios para refletir sua condição masculina ao perderem seu referencial como dominadores, como sujeitos que teriam naturalmente privilégios sociais.

A teórica da terapia cognitiva comportamental Judith Beck (2014, p. 55) explica que o modelo cognitivo estabelece que “as emoções, os comportamentos e a fisiologia de uma pessoa são influenciados pelas percepções que ela tem dos eventos”. Nesse sentido, a interpretação de uma situação ocorreria através de pensamentos automáticos podem, por vezes, resultar em reações de cunho comportamental, emocional ou fisiológica nos indivíduos. Segundo a autora, quando as situações não são elaboradas elas podem se transformar em pensamentos e comportamentos disfuncionais que são compreendidos como inadequados e inúteis, mas que podem ser modificados a partir do interesse em refletir um problema e solucioná-lo. Desse modo, consideramos a invenção e permanência de um conflito de gênero no imaginário social, um conflito que revela, por exemplo, a dificuldade de os homens perceberem-se como parte de um gênero e não uma norma/padrão ou sinônimo de humanidade. Relacionando isso ao modelo cognitivo de Beck (2014) consideramos tais conflitos prejudiciais à saúde mental e física uma vez que as emoções quando não elaboradas podem estar conectadas ao comportamento violento (comportamento disfuncional) o qual acarreta no sofrimento e perda da qualidade de vida - entre homens e entre outras pessoas que com eles se relacionam (Beck, 2014; Connel, 2016).

Entendemos que a repercussão de comportamentos comuns de uma masculinidade hegemônica impacta na cultura, na construção da subjetividade, no modelo cognitivo, na formação do caráter e no imaginário coletivo (Beck, 2014; Bola, 2021). Por essa razão, é imprescindível estudar os comportamentos que compõem a subjetividade masculina (CONNEL, 2016), uma vez que as ações punitivas como estratégia de enfrentamento a violência não têm sido suficientes para garantir a não reincidência dos autores da violência após o cumprimento de sua pena, o que torna, por exemplo, a Lei Maria da Penha (Brasil, 2006), isoladamente, pouco eficaz.

JJ Bola (2021) ao reconhecer o fato de que a maioria dos casos de violência de gênero sejam cometidos por homens e com o intuito de desmascarar a masculinidade hegemônica, argumenta que a masculinidade não é uma entidade fixa, e sim reflete construções sociais e orienta as relações entre gêneros. O autor explica que isso ocorreu via formação de crenças rígidas e estereotipadas na idealização do homem e apresenta os dez mitos mais recorrentes sobre a masculinidade, são eles: (1) o mito do Homem de verdade que se refere à expectativa socialmente construída sobre como homens devem ser e agir; (2) o mito de que os homens são puro lixo e, por isso, eles se mantêm na defensiva ao invés de questionar seu comportamento em relação à violência de gênero; (3) o mito do cara legal, bonzinho compreendido como aquele homem que se diz destacar dos outros homens e, por isso, merece ser valorizado e diferenciado dos demais; (4) o mito do “Seja Homem” que impera como uma estratégia de silenciamento emocional dos homens; (5) o mito do “Claramente gay” direcionado a homens que dividem qualquer tipo de intimidade ou afetividade com outros homens, sejam eles homossexuais ou não; (6) o mito de que homem não chora: ao qual explica a cobrança de uma postura forte dos homens diante das situações, a custo do silenciamento emocional; (7) O mito de que os homens são mais fortes que as mulheres: que exclui a força como uma característica heterogênea e não unicamente vinculada ao gênero; (8) o mito de que os homens são mais lógicos e mulheres emocionais: que também tem o objetivo de distanciar a vulnerabilidade emocional dos homens; (9) o mito de que os homens têm mais libido, por isso pensariam mais em sexo do que as mulheres: que expõe o quanto sexo tem a ver com poder e dominação física ou psicológica de outra pessoa; e por fim (10) o mito de que meninos são assim mesmo: um mito que determina as vantagens que homens teriam através da construção e manutenção dos estereótipos de gênero disseminados culturalmente.

Na próxima sessão serão apresentados os resultados da pesquisa que se trata da categorização das novas masculinidades e do comportamento dos homens na mídia social “X”.

4 Desmascarando comportamentos disfuncionais da masculinidade a partir das #redpill, #mgtow, #incel, #alpha, #beta e #sigma no “X”: resultados

Como resultado das buscas realizadas no mês de maio de 2023, foram recuperadas e armazenadas em uma planilha eletrônica um total de 30 publicações (Quadro 1), cujos metadados coletados foram: estratégia de busca, tweet postado, informações do perfil, imagem do post e, posterior à análise, a categoria da postagem. Para análise, as publicações foram lidas na íntegra, categorizadas como referentes à #redpill, #mgtow, #incel, #alpha, #beta e #sigma, assim como as interconexões entre as categorias. A categorização das publicações coletadas foi realizada com base nos estudos de Eiras (2019) e Noronha (2023).

Como interpretação para a limitada quantidade coletada, considerando o fluxo de publicações por dia na rede sobre o assunto, entendemos que o fato de termos criado um perfil exclusivo para a realização da pesquisa, sem estabelecer quaisquer conexões com outros perfis (seguindo o perfil, por exemplo) ou interagir com outras postagens (curtidas, comentários ou compartilhamentos) impactou na quantidade de materiais recuperados. Entretanto, como não era de nosso interesse apresentar nenhum tipo de enviesamento, optamos por manter um perfil sem conexões ou interações. Além disso, atualmente as mídias sociais digitais operam com personalização de conteúdos através de filtros, o que caracteriza a formação de “bolhas” digitais nas quais os assuntos preferidos aparecem à medida que ocorre interação do usuário com a comunidade e plataforma.

Quadro 1. Quantidade de publicações por categoria e a interconexão entre algumas delas.

Categoria	Quantidade
#redpill	11
#incel	08
#mgtow	03
#sigma	02
#alpha	02
#redpill + #mgtow	02
#beta	01
#sigma + #incel	01

Fonte: Elaborado pelas autorias (2023).

Reiteramos que essa coleta foi realizada a partir de um perfil criado especialmente para a realização dessa pesquisa, situação que impacta diretamente na quantidade e tipo de postagens recuperadas uma vez que as mídias sociais adotam a personalização de conteúdos e o aprendizado de máquina (machine learning) como características de negócio. Romeiro (2021) explicou que a criação de um perfil exclusivo para pesquisas sobre folksonomia no qual não seriam realizadas interações e relacionamentos com outros perfis impactam na quantidade de resultados encontrados. Entretanto, esse tipo de decisão é importante para que sejam evitados quaisquer tipos de enviesamento baseados no comportamento e práticas informacionais de quem realiza esse tipo de pesquisa.

Tendo como fonte os resultados e o referencial teórico apresentado, estabelecemos uma categorização das novas identidades de masculinidades, baseado nas contribuições de Eiras (2019) e Noronha (2023), presentes na mídia social digital "X" (quadro 2). Ressaltamos que as identidades mapeadas e descritas não revelam em totalidade as categorias das masculinidades, haja vista que as categorias, assim como os mitos da masculinidade, podem ser repensadas, revisitadas e adaptadas de acordo com as interações e apropriações discursivas que os homens compartilham.

Quadro 2. Categorização das novas identidades de masculinidades

Categoria	Definição
RED PILL	Tem como referência o filme "Matrix" (1999) e determina que os homens precisam escolher entre tomar a pílula azul (blue pill) e seguir uma vida de ilusões, e a pílula vermelha (red pill), para expandir sua consciência sobre a realidade e se opor a um suposto sistema que favoreceria as mulheres. Pessoas que se identificam com essa categoria afirmam que o homem deve deixar de ser ingênuo e passar a se aproveitar psicologicamente e sexualmente das mulheres. Estes homens costumam se referir às mulheres como infiéis, interesseiras e manipuladoras.
MGTOW	Entendidos como colaterais na chamada "guerra dos sexos", são um movimento reacionário no qual acredita-se que a solução para os problemas dos homens é abrir mão de relacionamentos (sexuais, afetivos e matrimoniais) com mulheres em nome da causa masculinista, também nomeada "machosfera". Eles creem que as mulheres são nocivas e atrapalham a jornada dos homens. Para atrair novos adeptos, costumam compartilhar relatos e expor situações de infidelidade vividas por homens. Além disso, consideram o pagamento de pensão alimentícia aos descendentes uma injustiça, pois esse "custo" os impediria de usufruírem do seu dinheiro apenas para benefício próprio. Efetivam sua contraposição às mulheres sob a justificativa de que o feminismo objetiva retirar os direitos dos homens e apontam as feministas como perigosas, portanto, suas inimigas.
INCEL	Tratam-se de homens que se definem como "celibatários involuntários" pois culpam as mulheres por não conseguirem ter relações sexuais sob a justificativa de que elas escolheriam para isso apenas os homens ricos e correspondentes a um padrão hegemônico de beleza. Este grupo costuma fomentar discursos de ódio em ambientes socioinformacionais contra pessoas que tem uma vida sexual ativa. Expõem seu ressentimento através de comentários LGBTQIA+fóbicos, racistas e misóginos. Membros dessa comunidade geralmente não têm uma satisfação na carreira e podem ter problemas de renda, e isso contribui para o autoisolamento, o que alimentaria sua autopercepção como fracassados.
ALPHA	Categoria que parte da premissa de que o homem é naturalmente decidido, agressivo, confiante, corajoso, líder nato e que jamais deve se submeter às mulheres. O homem alpha é costumeiramente associado a virilidade e exaltam sua força em detrimento de quaisquer demonstração de vulnerabilidade emocional.
BETA	Oposto a categoria alpha, os homens categorizados como beta são considerados sensíveis, cooperativos, amáveis e participativos nas atividades domésticas e relações familiares. O homem Beta é percebido pelos Alpha como fraco e inseguro, portanto, "menos homem".
SIGMA	Categoria que emergiu como uma maneira de ironizar as categorias Alpha e Beta, mas que mescla um pouco das duas na formação de sua subjetividade. O sujeito Sigma não se importa com as expectativas alheias e prefere agir como um tipo de "lobo solitário" enaltecendo o seu valor social, considerando a si mesmos como tipos raros. Também costumam classificar mulheres, dividindo-as entre mulheres de "alto valor" como aquelas que correspondem a um padrão de beleza específico e por isso merecem investimento dos sigmas para relacionamentos, desde que sejam submissas às vontades deles. Eles também qualificam as mulheres que mereceriam o seu desprezo por não aceitarem tal submissão, demonstrando repúdio à mulheres autossuficientes, especialmente as feministas.

Fonte: Elaboração das autoras baseado em Eiras (2019) e Noronha (2023).

A seguir, apresentamos uma amostra das categorias, para a qual selecionamos postagens mais representativas dos discursos hegemônicos da masculinidade e também da interconexão entre eles. Tais exemplos de categorias presentes em postagens indexadas com os termos que representam os perfis descritos no quadro 2, foram relacionados aos mitos da masculinidade de JJ Bola (2021) e colonialidade de gênero de Geni Longhini (2022). A partir da análise das postagens coletadas, foi percebido que categorias como incel, redpill e MGTOW foram reunidas em um mesmo discurso, ou seja, ao impulsionar a categoria red pill, foram apropriados discursos também proferidos pelas categorias Incel e MGTOW.

Figura 1 a,b. Categorias RED PILL e INCEL



1a

1b

Fonte: "X" (2023)

Na figura 1a, a imagem apresenta a comparação entre o público de praia no Rio de Janeiro nos anos de 1970 e em 2021. O comentário proferido pelo perfil Dr. Redpill está intrinsecamente conectado supremacismo branco e os privilégios da branquitude, haja vista que na fotografia de 1970 apresenta pessoas brancas são a maioria na ocupação desse espaço, assim como pessoas magras que representam o padrão de beleza socialmente homogeneizado. Sarah Ahmed (2007, p. 149) infere que "branquitude funciona como um hábito, até mesmo um mau hábito, que se torna um pano de fundo para a ação social." Nesse sentido, o hábito de ver pessoas brancas como norma (Bento, 2022), e frequentes em espaços de poder, lazer e prestígio é confrontado quando pessoas não-brancas e com corpos não-magros passam a frequentar e se apropriar tais lugares. Ressaltamos que esse tipo de padronização dos corpos é característico da colonialidade, e consequentemente da colonialidade de gênero (Quijano, 2010, Lugones, 2020, Longhini, 2018, 2022).

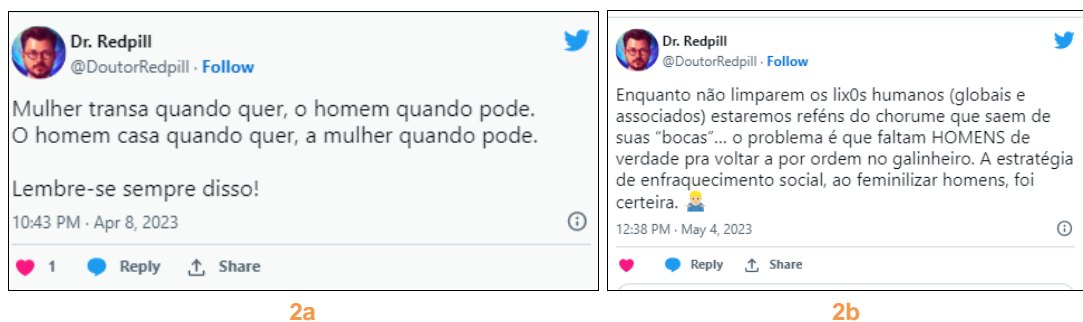
Dessa forma, a partir do desconforto da branquitude com essa diversidade de corpos e cores, os ideais eugênicos que compõe esse tipo de pensamento supremacista emergem como forma de defesa aos privilégios e status quo antes entendidos como direitos/privilégios de uns sobre os outros desprovidos desses mesmos direitos e privilégios. Na postagem da Figura 1a do perfil Dr. Redpill, a branquitude e supremacismo racial encontram-se em aliança ao machismo, racismo e gordofobia. Isso se evidencia quando a imagem de pessoas gordas e de diversas pertencas étnico-raciais são propositalmente vinculadas ao contexto da pandemia Covid-19, direcionando o discurso para qualificar uma doença ser gordo e por isso essas pessoas seriam um "peso morto" na visão de quem administra o perfil Dr. Red pill no "X".

Ainda nesta toada, a Figura 1b retrata a branquitude e a xenofobia expressa por um perfil Incel quando é realizada a comparação entre os estados do Sul e Nordeste do país. A imagem que representa o Sul é de uma

mulher branca, loira, com o corpo magro, ou seja, o perfil normativo que as masculinidades definem o que é ser mulher, perspectiva que relacionamos convergir com as categorias Alpha e Sigma, nas quais ocorre a definição do que estes sujeitos consideram ser uma mulher de “alto valor”.

Enquanto a primeira imagem da figura 1b reflete o padrão que supostamente deve ser seguido, a representação de mulheres em boates do nordeste é animalizada quando o mesmo perfil coloca a fotografia de diversas mulas, qualificando as pessoas nordestinas como menos atraentes sexualmente. Tal associação além de representar uma xenofobia é mais uma vez posicionada como um efeito da colonialidade de gênero na contemporaneidade, uma vez que esse mesmo tipo de animalização fora aplicada anteriormente como estratégia para colonização do território que hoje chamamos de Brasil (Longhini, 2018, 2022). Ademais, consideramos esse tipo de comportamento como disfuncional, pois quando o perfil “rainha dos incels” qualifica mulheres nordestinas como mulas estimula que as emoções, discursos e comportamentos que outros interagentes possam vir a ter reverberem também em sofrimento das vítimas dessa violência de gênero (Beck, 2014). Cabe ressaltar que ambas as representações, tanto do sul quanto do nordeste são expressões da hipersexualização das mulheres, o que as posiciona como objetos, ou como substancialmente destinadas a “servir” ao desejo dos homens, situação também apontada no mito 9 de JJ Bola (2021) que de o homem teria mais libido que as mulheres e que essa libido seria incontrolável.

Figura 2 a, b. Interconexão das categorias RED PILL e INCEL



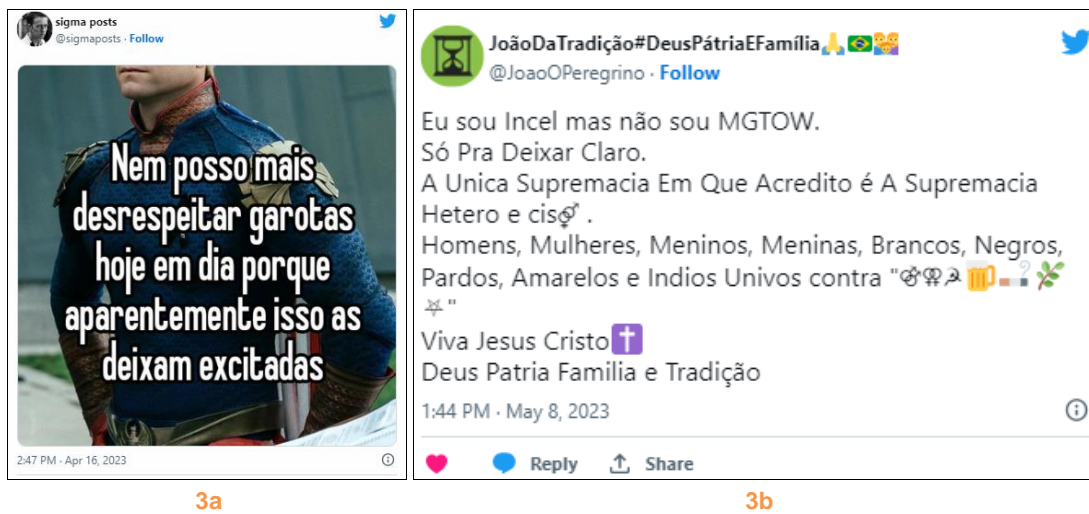
Fonte: “X” (2023).

Na figura 2a é possível identificarmos nas frases “mulher transa quando quer, o homem quando pode” e “O homem se casa quando quer, a mulher quando pode”, uma apropriação dos discursos de homens que se classificam como incel, uma vez que esta categoria diz que os homens não teriam controle sobre as experiências sexuais, tornando essa decisão exclusivamente das mulheres (Eiras, 2019; Noronha, 2023). Por sua vez, as mulheres são vistas por esses sujeitos, como aquelas que só seriam respeitadas pela via do casamento, o que consideramos um efeito da colonialidade de gênero tal como explicou Geni Longhini (2022).

Quando analisamos a postagem a partir dos mitos da masculinidade expostos por Bola (2021), percebemos que esta se vincula ao mito 8, de que os homens são mais lógicos e mulheres emocionais pois estes logicamente definiriam o futuro das mulheres ao terem o poder de decisão sobre o matrimônio, enquanto mulheres não teriam esse privilégio.

Na figura 2b, percebemos uma evocação do mito 1 (Bola, 2022) sobre o que seria o “homem de verdade”, considerado o produtor da colonialidade (Longhini, 2022). Mito que, por sua vez, se interconecta com a categoria de “homem alpha” que seriam aqueles detentores do poder para reestabelecimento de uma ordem, a partir do entendimento de que o mundo está desordenado devido a maior participação de mulheres na organização social. Isso também foi percebido por Silva (2006) quando expôs que a crise da masculinidade emerge à medida que as mulheres e população LGBTQIAPN+ conquistam espaços de poder.

Figura 3 a, b. Categorías SIGMA, INCEL/MGTOW



Fonte: "X" (2023)

A categoria sigma foi percebida na figura 3c, quando a postagem ironiza e minimiza as violências de gênero contra as mulheres a partir de uma suposição de que as mulheres desejam ser desrespeitadas, haja vista que desse desrespeito, emergiria o desejo delas sobre o homem que a ignorou.

Por outro lado, a figura 3d retrata uma confusão discursiva entre as categorias INCEL e MGTOW justamente porque enquanto assume uma vinculação a posicionamentos supremacistas, evoca os valores tradicionais do "homem alpha", considerado "homem de verdade" (Bola, 2022) que valoriza uma religiosidade entendida como prática colonizadora; uma composição familiar cristã estruturada na cisnormatividade e heteronormatividade; uma ideologia patriótica por conveniência que não necessariamente é sobre seu próprio país, mas que corresponde a valores normativos condizentes com crenças colonizadoras; e à tradição que corresponde ao vínculo com a supremacia (racial, de gênero, de sexualidade, geopolítica) (Longhini, 2022).

Ao convergir os mitos da masculinidade (Bola, 2021) com a colonialidade de gênero (Lugones, 2020; Longhini, 2022) e os pensamentos e comportamentos disfuncionais no modelo cognitivo de Beck (2014), percebemos uma estreita relação entre as heranças de violência de gênero do modelo colonial com a construção da subjetividade dos homens. Esses novos métodos de violência podem ser exemplificados através de comunidades socioinformativas em ambientes digitais como a exaltação e categorização de perfis de masculinidades, estabelecidos pelos homens, tais como os aqui apresentados: red pills, os Men Going Their Own Way (MGTOW), os incel (involuntary calibates), os alpha e beta, e os sigma.

A análise das postagens desses grupos no "X" demonstra um vasto campo para os estudos informacionais e estudos de gênero na Ciência da Informação, uma vez que eles revelam novos modos de opressão e manutenção do poder e privilégio dos homens sobre pessoas de outras identidades de gênero em ambientes digitais, pois estes podem considerar que nesses ambientes não sofrerão nenhum tipo de penalização sobre seus discursos, cenário que torna cada vez mais emergente a formulação de estratégias para enfrentamento a violência de gênero em mídias sociais digitais. Foi possível ainda, verificar que esses discursos são embasados em deturpação da verdade e manipulação da realidade, bem como de práticas discursivas colonizadoras vinculadas ao racismo, sexismo, LGBTQIA+fobia e ao supremacismo branco.

Ao convergir os mitos da masculinidade (Bola, 2021) com a colonialidade de gênero (Lugones, 2020; Longhini, 2022) e os pensamentos e comportamentos disfuncionais no modelo cognitivo de Beck (2014), percebemos uma estreita relação entre as heranças de violência de gênero do modelo colonial com a construção da subjetividade dos homens. Convergências que corroboram a tese de Geni Longhini (2022) de que não é possível afirmar que a colonização acabou, uma vez que constantemente são percebidos não só seus efeitos como são construídos novos métodos de violência legitimando a reprodução de desigualdades. Esses novos métodos de violência podem ser exemplificados através de comunidades socioinformativas em ambientes digitais como a exaltação

e categorização de perfis de masculinidades, estabelecidos pelos homens, tais como os aqui apresentados: red pills, os Men Going Their Own Way (MGTOW), os incel (involuntary calibates), os alpha e beta, e os sigma.

5 Conclusões

Iniciamos essa investigação com o intuito de responder quais seriam as novas categorias da masculinidade expostas no “X” e como seria possível analisar esses perfis a partir dos estudos de gênero, decolonialidade e da folksonomia, dado que observamos expressões de violência de gênero neste tipo de ambiente socioinformacional. Tendo como pano de fundo essa problemática, selecionamos os objetivos geral e específicos da pesquisa aos quais consideramos atingidos na medida que essas novas masculinidades foram categorizadas. A etapa de mapeamento e organização das publicações etiquetadas pelas hashtags #redpill, #incel, #alpha, #beta #sigma e #MGTOW foi a base para formulação das categorias e, posteriormente análises dos discursos presentes nessas postagens baseados no pensamento de Judith Beck (2014), Connel (2016), JJ Bola (2021), Geni Longhini (2022), entre outras autorias.

Enquanto contribuição para o campo biblioteconômico-informacional, atendemos as recomendações levantadas pela agenda 2030, vinculadas a promoção da equidade de gênero e redução das desigualdades sociais em convergência com a folksonomia, campo da organização do conhecimento destinado ao estudo de termos representativos/preferidos de diversas comunidades em ambientes socioinformacionais como o “X”. Além disso, o estudo enquadra-se nas discussões propostas pela ementa do GT 12 do ENANCIB, um grupo de trabalho cujo enfoque é reunir pesquisas que conectem as questões de gênero, estudos étnico-raciais e outras diversidades da condição humana (incluindo pessoas com deficiência). Diante disso, consideramos que essa pesquisa converge os interesses de uma comunidade científica específica, a da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Consideramos nossa proposta de enquadrar os homens também como sujeitos generificados uma abertura para outros estudos que objetivem refletir sobre esses sujeitos na área e orientamos que as reflexões sobre colonialidade de gênero e masculinidades sejam amplificadas nessa esfera acadêmica/profissional.

Reiteramos que a análise das postagens desses grupos no “X” demonstra um vasto campo para os estudos informacionais e estudos de gênero na Ciência da Informação, uma vez que eles revelam novos modos de opressão e manutenção do poder e privilégio dos homens sobre pessoas de outras identidades de gênero em ambientes digitais. Tais sujeitos, embebidos de seu privilégio, por vezes acreditam que nesses ambientes não sofrerão nenhum tipo de penalização sobre seus discursos, por mais violentos que sejam. Situação que também expõe a necessidade de ampliação de pesquisas e que se proponham traçar estratégias para o enfrentamento a violência de gênero na internet. Verificamos ainda que esses discursos são embasados em deturpação da verdade e manipulação da realidade, bem como de práticas discursivas colonizadoras vinculadas ao racismo, sexismo, LGBTQIA+fobia e ao supremacismo branco.

Por fim, encerramos nossa investigação evocando a comunidade a refletir para desconstruir os comportamentos e características do chamado “homem de verdade”, ou “Homem com H” como nos ilustrou Ney Matogrosso em canção homônima a essa expressão. Conforme exposto, esse tipo de enunciação e comportamentos ainda refletem a crise da masculinidade em sujeitos que ainda não sabem lidar com a emergência de outros protagonismos sociais. Por essa razão, os “homens de verdade”, ou “homens com H” transformam essa crise em comportamentos disfuncionais nos quais emoções não elaboradas possivelmente acarretam sofrimento tanto para os homens quanto para quem com eles interage.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. Ataques em escolas estão ligados ao neonazismo, dizem especialistas. Senado Notícias, Brasília, 05 maio 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/05/05/ataques-em-escolas-estao-ligados-ao-neonazismo-dizem-especialistas#>. Acesso em: 10 maio 2023.

AHMED, Sara. A phenomenology of whiteness. *Feminist Theory*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 149-168, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464700107078139>. Acesso em: 8 ago. 2022.

- ALVES, Edvaldo Carvalho; BRASILEIRO, Felipe Sá; MELO, Daniella Alves de. Práticas socioinformacionais em ambientes digitais e a construção de competências críticas em informação. In: MACHADO, Maria Izabel (Org.). A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.
- ALVIM, Mariana. Sucesso de Vini Jr. causa 'pânico racial' em pessoas brancas, diz pesquisador negro. BBC News, São Paulo, 29 maio 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv2k2mk2mz4o>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- AMARAL, Marcelo Santos; PINHO, José Antonio Gomes. Eleições Parlamentares no Brasil: O Uso do Twitter na Busca por Votos. Revista de Administração Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 466-486, julho/agosto 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2018170269>
- ARAÚJO, Carlos A. A. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, 2013, Florianópolis. Anais [...] Florianópolis: ENANCIB, 2013.
- BBC NEWS Editores. Quem são os 'incels' – celibatários involuntários –, grupo do qual fazia parte o atropelador de Toronto. BBC News Brasil, São Paulo, 27 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43916758>. Acesso em: 29 fev. 2024.
- BECK, Aaron T. The past and future of cognitive therapy. The Journal of Psychotherapy Practice and Research, [s.l.], v. 6, n. 4, p. 276-284, 1997.
- BECK, Judith S. Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOLA, JJ. Seja homem: a masculinidade desmascarada. Porto Alegre: Dublinense, 2021.
- BORTOLINI, Maria-Catira; et al. Y-chromosome evidence for differing ancient demographic histories in the Americas. The American Journal of Human Genetics, [s.l.], v. 73, n. 3, p. 524-539, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRANDT, Mariana Baptista. Etiqueta e Folksonomia: uma análise sob a ótica dos processos de organização e recuperação da informação na web. Brasília: Câmara dos Deputados, 2009.
- BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2006.
- CONNELL, Raewyn. Gênero em termos reais. São Paulo: nVersos, 2016.
- COLOMÉ, Jordi Pérez. A incontrolável ascensão dos ninhos de machismo na Internet. El País, Madrid, 07 fev. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-02-07/incels-machos-atras-de-mulher-a-incontrolavel-ascensao-dos-ninhos-de-machismo-na-internet.html> Acesso em: 29 fev. 2024.
- EIRAS, Natália. MGTOWs: eles desprezam tanto as mulheres que decidiram ficar sozinhos... Universa Uol. [s.l.], 29 jul. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/07/29/mgtow-eles-desprezam-tanto-as-mulheres-que-decidiram-ficar-sozinhos>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LACERDA, Nara. Uma agressão a cada 4 horas, um assassinato por dia: a realidade da mulher no Brasil. Brasil de Fato, São Paulo, 06 mar. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/03/06/uma-agressao-a-cada-4-horas-um-assassinato-por-dia-a-realidade-da-mulher-no-brasil> Acesso em: 10 mar. 2023.
- LONGHINI, Geni Daniela Núñez. Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude. 132f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.
- LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.
- MOURA, Maria Aparecida. Folksonomias, redes sociais e a formação para o tagging literacy: desafios para a organização da informação em ambientes colaborativos virtuais. Informação & Informação, Londrina, v. 14, n. esp, p. 25-45, 2009. DOI: 10.5433/1981-8920.2009v14n1esp25 Acesso em: 30 jun. 2023.

- NORONHA, Heloísa. MGTOW, Red Pill, Incel, Sigma, Alfa: o que significam esses termos? Terra (nós). [s.l.], 10 mar. 2023. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/mgtow-red-pill-incele-sigma-alfa-o-que-significam-esses-terminos_54f26d36b87e9beb8599f756abe6370748f0erwp.html#:~:text=O%20homem%20Sigma%20%C3%A9%20um,perten%C3%A7a%20a%20nenhuma%20%22alcateia%22. Acesso em 11 jul. 2023.
- LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.
- MASSONI, Luis Fernando Herbert.; FLORES, Andressa Bones. A cidade representada em tags: explorando a folksonomia no Flickr. Ponto de Acesso, Salvador, v. 11, n. 3, p. 133-147, dez. 2017.
- MORAES, Gustavo Hermínio Salati Marcondes de.; BOLDRIN, Juliana; SILVA, Danilo Soares. Participation in Brazilian feminist movements on social networks: a study on the campaign meu amigo secreto (my Secret Santa). Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 27, n. 2, 2017.
- ONU – Organização das Nações Unidas. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Brasília, 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> Acesso em: 12 jan. 2023.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). Epistemologias do sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.
- SAAD, Layla F. Eu e a supremacia branca: como reconhecer seu privilégio, combater o racismo e mudar o mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Abramo, 2004.
- SANCHIDRIAN, Elaine Pérez; POSADA, Raúl Campos; POSADA, Gloria Elisa Campos. Etiquetagem social: um modelo de representação da informação na blogosfera. Biblios, Peru, n. 56, p. 19-27, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5195/biblios.2014.187>
- SANTANA, Sergio Rodrigues de.; SANTOS, Raimunda Fernanda.; MELO, Maytê Luanna Dias de.; GIRARD, Carla Daniella Teixeira. Folksonomia no contexto lgbtqi+: descortinando o preconceito e a discriminação da informação gênero-sexualidade nos ambientes digitais. Logeion: filosofia da informação, [s.l.], v. 8, p. 151-173, 2022. DOI: 10.21728/logeion.2022v8n2.p151-173
- SANTOS, Felipe. As Redes Sociais mais usadas no Brasil em 2024: tudo o que você precisa saber sobre cada rede social. Conversion, [s.l.], 31 dez. 2023. Disponível em: <https://www.conversion.com.br/blog/redes-sociais/> Acesso em: 29 fev. 2024.
- SANTOS, Hercules Pimenta. Etiquetagem e folksonomia: o usuário e sua motivação para organizar e compartilhar informação na Web 2.0. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 91-104, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v18n2/07.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- SEIBT, T.; DANNENBERG, M. Pandemia, desinformação e discurso autoritário: os sentidos das declarações de Jair Bolsonaro no Twitter a partir de checagens dos fatos. Liinc em revista, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. e5687, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5687>
- SILVA, Kelly dos Reis; ALBUQUERQUE, Leticia R.; PAULA, Mariléia Ap. de; OLIVEIRA, Vanessa Gal Paiva. Serviços oferecidos via Twitter em bibliotecas universitárias federais brasileiras. PontodeAcesso, Salvador, v.6, n.3, p. 72-86, dez. 2012.
- SILVA, Helena Gabrielle Souza; SILVA, Isadora Rodrigues Moreira da. O Twitter como plataforma da produção simbólica do campo conservador. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 18., 2022, Salvador. Anais [...] Salvador: Enecult, 2022.
- SOUZA, Gisele. Qual a rede social mais usada em 2023? A resposta vai te surpreender. G1.com: techtudo, São Paulo, 21 jul. 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/qual-a-rede-social-mais-usada-em-2023-a-resposta-vai-te-surpreender-edapps.qhtml> Acesso em: 29 fev. 2024.
- SOUZA, Mateus R.; SACRAMENTO, Igor; PONTALTI, Ana Carolina; ARAUJO, Kizi Mendença de. Disputas narrativas e legitimação: análise dos argumentos de Bolsonaro sobre vacinação contra covid-19 no Twitter. Liinc em revista, Rio de Janeiro, v. 17, n.1, e5707, 2021.
- REDAÇÃO TERRA. Associação pede a prisão do cantor Bruno, dupla de Marrone, por transfobia. Terra, São Paulo, 31 maio 2023. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/paradasp/associacao-pede-a-prisao-do-cantor-bruno-dupla-de-marrone-por-transfobia_1a9ef8c62766b470822801d72ac60893xhg6k1na.html?utm_source=clipboard Acesso em: 10 abr. 2023.
- REICHERT, Leici Maria Machado. Ancestralidade e demografia genética de uma amostra da população humana do rio grande do sul. 2013. 49 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Pampa, São Gabriel-RS, 2013.
- ROMEIRO, Nathália; SILVA, Franciéle C. G. A folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no Facebook: avaliação da hashtag mexeucomumamexeucomtodas. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 215-232, 2018.
- ROMEIRO, Nathália. L. Vamos fazer um escândalo: a trajetória da desnaturalização da violência contra a mulher e a folksonomia como ativismo em oposição a violência sexual no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) –

Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ROMEIRO, Nathália. #Vamosfazerumescândalo: folksonomia e ativismo digital. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020.

SANTINI, Rose Marie.; TERRA, Camyla.; ALMEIDA, Alda Rosana Duarte de. Feminismo 2.0: a mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio). Revista P2P e Inovação, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 148-164, 2016.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. Psicologia: ciência e profissão, [s.l.], v. 26, p. 118-131, 2006.

SOUSA, Brisa Pozzi de.; SILVA, Flavio Pacheco da. Linguagem natural no "X" e linguagem documentária em tesouros: da Hashtag #NãoMereçoSerEstuprada ao descritor estupro. Revista Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 20-43, 2015.

SOUZA, Rosali Fernandes de. Organização do conhecimento. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). Para entender a Ciência da Informação. Salvador: Edufba, 2007.

YEDID, Nadina. Introducción a las Folksonomías: definición, características y diferencias con los modelos tradicionales de indexación. Información, cultura y sociedad, [s. l.], v. 1, n. 29, p.13-26, 2013.

WITTIG, Monique. O pensamento hetero e outros ensaios. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Author data

Nathália Lima Romeiro

Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG. Mestre em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT/ECO-UFRJ. Licenciada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI). Professora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

<https://orcid.org/0000-0002-6274-4836>
ntromeiro91@gmail.com

Dirnéle Carneiro Garcez

Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN-UFSC). Bolsista CAPES de Desenvolvimento Social (CAPES - DS). Bacharela em Administração - UNIasselvi. Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN-UFSC). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI).

<https://orcid.org/0000-0002-3061-9352>
dirnele.garcez@yahoo.com.br

Franciéle Carneiro Garcês-da-Silva

Professora Adjunta do Curso de Biblioteconomia, do Departamento Acadêmico de Ciência da Informação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC). Doutora em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É idealizadora e gerente do projeto social Quilombo Intelectual; idealizadora e coordenadora do Selo Editorial Nyota. É vice-coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI/UFMG).

<https://orcid.org/0000-0002-2828-416X>
franciele.garces@unir.br

Priscila Rufino Fevrier

Doutoranda em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ). Mestre em Ciência da Informação (PPGCIN/UFSC). Bolsista CAPES de Desenvolvimento Social (CAPES - DS). Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Trabalho "Relações Étnico-Raciais e Decolonialidades", vinculado à FEBAB. Compõe o quadro de integrantes do Grupo de Pesquisa Ecce Liber: Filosofia, linguagem e organização dos saberes e é membro do Satélites em Organização Ordinária dos Saberes Socialmente Oprimidos (O²S².sat) vinculado ao Grupo de Pesquisa Ecce Liber - IBICT/UFRJ e do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI).

<https://orcid.org/0000-0003-3641-5200>

priscila.fevrier@gmail.com

Miriely da Silva Souza

Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em ampla associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em Gestão Pública pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista CAPES de Desenvolvimento Social (CAPES - DS). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI).

<https://orcid.org/0000-0003-4259-2270>

mirielyssouza@gmail.com

Ana Paula Meneses Alves

Doutora em Ciência da Informação pela Unesp em regime de cotutela com a Universidade de Granada - Espanha, na qual recebeu o título de Doutora em Ciências Sociais. Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos. Bacharel em Biblioteconomia pela Unesp. Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, atuando na Graduação em Biblioteconomia e na Pós-graduação em Ciência da Informação. Desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão nas temáticas: Recursos e Serviços de Informação; Competência em Informação; Uso ético da Informação; Informação e saúde; Informação e Emancipação. Membro da Associação de Bibliotecários de Minas Gerais e Febab. Associada à Ancib. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI) da UFMG.

<https://orcid.org/0000-0002-1137-2139>

apmeneses@eci.ufmg.br

Received: 2023-12-31

Accepted: 2024-02-25



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 United States License.



This journal is published by the [University Library System](#) of the [University of Pittsburgh](#) as part of its [D-Scribe Digital Publishing Program](#) and is cosponsored by the [University of Pittsburgh Press](#).